

ESCOLA DE PHARMÁCIA E ODONTOLOGIA DE GOYAZ: ESPAÇO DE ENSINO E MEMÓRIA DA CIDADE DE GOIÁS - GO (1922- 1931)

SCHOOL OF DENTISTRY PHARMACIA AND GOYAZ: TEACHING SPACE AND CITY MEMORY GOIÁS - GO (1922- 1931)

Elisabeth Maria de Fátima BORGES¹
Cristiane Nery Alves CAMELO²

RESUMO

O presente artigo versa sobre a história da Escola de Pharmácia e Odontologia de Goyaz. Este artigo pretende contribuir não só para um resgate da memória regional, a criação da primeira Farmácia e Odontologia de nosso estado, mas também para uma reflexão, das influencias políticas dentro do contexto histórico da Primeira República em Goiás. A análise teórico-metodológica das fontes históricas possibilitou entender quais foram os reais motivos que levaram o governo a criar esta instituição, quais foram os objetivos alcançados e o que de benefício trouxe para a sociedade local, bem como quais os motivos que levaram a sua breve extinção. Deparamo-nos com a influência das oligarquias goianas na questão da educação no ensino superior do Estado de Goiás, no período. A Escola de Pharmácia e Odontologia existiu por apenas onze anos, mas é um importante capítulo da História, tanto do Ensino Superior, quanto da saúde do Estado de Goiás, no início do século XX.

Palavras chaves: Patrimônio cultural. Lugares de memoria. Educação em Saúde. Ensino Superior século XX.

ABSTRACT

The article talks about the Pharmacy School history and Dentistry of Goyaz. This article aims to contribute not only to a rescue of regional memory, the creation of the first Pharmacy and Dentistry of our state, but also for reflection, of political influences within the historical context of the First Republic in Goiás. The theoretical and methodological analysis of the sources historical possible to understand what were the real reasons that led the government to create this institution, what were the objectives achieved and what benefit brought to the local society, as well as what are the reasons that led to his brief extinction. We face with influences of Goiás oligarchies on the issue of education in higher education in the State of Goiás, in the period. The School of Dentistry and Pharmácia existed for only eleven years old, but it is an important chapter of history, both in the higher education, as the health of the State of Goiás, in the early twentieth century.

KEYWORDS: Cultural Heritage. Places of memories. Health Education. Higher Education in the twentieth century.

¹ Graduada e Mestre em História pela Universidade Federal de Goiás. Especialista em Educação para a Diversidade e Cidadania. Professora e Coordenadora do Núcleo de Extensão e Iniciação Científica da Faculdade de Inhumas Facmais.

² Graduada em História pela Universidade Estadual de Goiás. Professora do Instituto Federal Goiano (IFG) da Cidade de Goiás.

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa teve o intuito de analisar os onze anos de história da primeira Escola de Farmácia e Odontologia de Goyaz. Ela consiste em mais um esforço no sentido de reconstrução da história regional, e de contribuir para a compreensão de certos parâmetros que nortearam a organização da educação superior na área da Saúde, em nosso estado, bem como analisar espaços do patrimônio cultural goiano.

Diante do exposto pretendemos levantar algumas problematizações para entendermos quais foram os reais motivos que levaram o governo a criar esta instituição, quais foram os objetivos alcançados e o que de benefício trouxe para a sociedade local, bem como quais os motivos que levaram a sua breve extinção.

O recorte considerado engloba a década de 1922 a 1930, pois a partir da revolução de 1930, não mais encontramos qualquer documento oficial que cite a presença da Escola de Farmácia e Odontologia de Goyaz.

Os referenciais teóricos que deram pistas da temática serão constituídos com base nas leituras de Maurice Halbwachs, Pierre Nora, Maria Cecília Londres Fonseca, Ana Luiza Martins, Jô Gondar, Luiz Palacin, Sônia Maria Magalhães entre outros. As leituras dos trabalhos destes autores serviram de aporte teórico para as discussões aqui apresentadas para entendermos os relatos produzidos ao longo deste processo de surgimento e fechamento da Escola.

A análise da história da Escola de Farmácia e Odontologia contribui não só pra um resgate da memória, deste espaço de patrimônio local, mas também para uma reflexão dos processos que perpassam a educação, as influências exercidas por instituições externas, sejam influências políticas ou econômicas, vivenciadas ainda nos dias de hoje.

Acredita-se que a análise da história da Escola de Farmácia e Odontologia do Estado de Goyas, contribui para o conhecimento tanto da história do ensino superior em Goiás, quanto de questões relativas ao patrimônio cultural da cidade de Goiás.

Esta pesquisa vem de encontro a um viés de analisar a história de um patrimônio cultural do Estado de Goiás que vem sendo esquecida, a Escola de Farmácia e Odontologia do Estado de Goyaz, um espaço de memória de nosso Estado.

Os conceitos de patrimônio cultural e memória se encontram na expressão “lugares de memória” criada pelo historiador Pierre Nora.

Para Pierre Nora os lugares de memória são, em primeiro lugar lugares em uma tríplice acepção: são lugares materiais onde a memória social se ancora e pode ser apreendida pelos sentidos; são lugares funcionais porque tem ou adquiriram a função de alicerçar memórias coletivas e são lugares simbólicos onde essa memória coletiva – vale dizer, essa identidade - se expressa e se revela. São, portanto, lugares carregados de uma vontade de memória. (NORA, 1993.p.14)

Os lugares de memória como uma construção histórica, assim o interesse de pesquisas sobre tais locais reside no fato de tais lugares exercerem um valor como documentos e como monumentos históricos, que revelam processos sociais, conflitos, paixões e interesses de determinada classe. (NORÁ, 1981).

Ao se analisar os lugares de memória, recomendam os seguintes questionamentos “São lugares de memória de quem? E para a construção de que identidades?”. Voltando ao objeto de estudo desta pesquisa, indaga-se: a Escola de Farmácia e Odontologia de Goyaz pode ser considerada um espaço de memória? É um lugar de memória de qual parcela da sociedade? Sua história revela quais processos sociais? Quais conflitos? O próximo capítulo se debruçará sobre tais problematizações.

A memória é um objeto de luta pelo poder entre classes e indivíduos. Portanto quando se admite a relação de forças entre política, memória e esquecimento, implica admitir o quanto a identidade é funcional, o quanto ela deve se deve aos nossos interesses práticos. Para se falar de memória com eficiência deve-se articulá-la a identidade, e ainda levar em conta que a memória é, antes de qualquer coisa, um instrumento de poder. A constituição de memória impõe por si mesma, operações de segregação, pois seu exercício, para tentar preservar uma representação de si mesmo, excluía,

dissimula, reprime censura, fatos que põe em cheque a auto-representação. (GONDAR, 2005). Na pesquisa sobre a Escola de Farmácia e Odontologia de Goyaz fica evidenciado que a mesma apresenta a memória da classe dominante, da elite goiana da época, pois ali estudavam apenas os filhos destas.

Os livros de História apresentam a segregação sobre a memória de nossa nação, por exemplo, existe um direcionamento do que se deve e o que não se deve ser lembrado. A história das classes menos favorecidas de nosso país é negligenciada, pois fazem parte das histórias que a nossa história não conta, tal como relata o poeta camponês Oscavú José Coelho³.

Na constituição da memória, se apóia na história vivida e não na história aprendida. Assim deve-se conceber a história não como uma sucessão cronológica de acontecimentos e datas, mas em todas as coisas que faz com que um período difere dos demais. É importante lembrar ainda como um dos desenvolvimentos recentes da reflexão sobre a memória, a noção de que esta se refere não apenas ao passado e ao presente, mas também ao futuro. Devemos então partir da premissa de que a lembrança é uma reconstrução do passado, com ajuda de dados do presente. (GONDAR, 2005). A lembrança dos vilaboenses sobre a História de Farmácia e Odontologia de Goyaz sempre relacionada à perda de algo que era importante para a sociedade local que poderia ter continuado a contribuir para a formação profissional de muitos jovens locais.

Analisando a relação entre memória e História, observamos que são coisas distintas e geram espaços de saber diferenciados, tal como já propõe Maurice Halbwach. No entanto a relação entre as duas tem gerado muitas riquezas como a apropriação da memória não só como fonte, mas também como objeto de estudo.

Nas pesquisas sobre patrimônio a memória é uma das categorias de análise mais utilizadas. Nesta pesquisa, a memória foi uma importante categoria de análise, no exercício de reconstituição da história da Escola de

³ Com apenas 03 meses de estudo este poeta camponês publicou dois livros, o último, intitulado “Histórias que a nossa História não conta”, publicado em 2004, pela Editora Kelps, ele revela aspectos da cultura popular que faz parte do patrimônio cultural brasileiro, como as práticas das parteiras, das rezadeiras, os boiadeiros, das fiandeiras, dos carreiros, que durante anos fizeram o transporte da produção agrícola nos carros de boi, além das organizações dos camponeses no Estado de Goiás.

Pharmácia e Odontologia de Goyaz, pois os registros de memória foram documentos essenciais, tanto as biografias, quanto os jornais, ou as fotografias. A seguir apresentar-se-á uma breve discussão sobre a tipologia das fontes históricas que foram utilizadas nesta pesquisa.

Nesta pesquisa foram utilizadas diferentes fontes históricas, tais como: fotografias, como as fotografias do prédio onde foi situada a Escola de Pharmácia e Odontologia de Goyaz, fotografias dos formandos da escola, de sujeitos ligados à construção ou ao fechamento da escola; telegramas, de políticos da época, ilustrando o contexto histórico que resultou no fechamento da escola; biografias de uma das alunas do curso de farmácia; jornais locais da época, como o Jornal Correio Oficial do Estado de Goyaz.

Para a pesquisa da Escola de Pharmácia e Odontologia de Goyaz as fotografias se tornaram importantes fontes históricas. Encontradas em arquivos pessoais e até mesmo em obras relacionadas ao tema, ou mesmo em sites, elas possibilitaram a análise deste espaço de patrimônio da cidade de Goiás.

Nos últimos anos os historiadores vêm se debruçando sobre as biografias individuais, como documentos históricos que refletem uma época, os costumes, a cultura de uma sociedade. Estes documentos são muito utilizados principalmente em casos onde há uma escassez de documentos sobre determinado assunto. Este interesse por biografias é perceptível em diferentes linhas historiográficas como, a Nova História francesa, os neo-marxistas e mesmo a História Cultural. Temos exemplos clássicos, como Carlo Ginzburg que pesquisa o moleiro Menocchio.

A autobiografia permeia o campo da memória, a escrita da trajetória de vida se faz através da reativação da memória. Todavia a verdade e a ficção andam muito próximas nas biografias e autobiografias. Para os historiadores que interessa em um texto biográfico nem sempre é o relato individual de uma pessoa, mas a reconstrução, através dos relatos da trajetória histórica e cultural de um determinado grupo social, em um determinado lugar. Assim para analisar uma biografia é preciso entender o contexto em ela foi escrita,

A Escola de Pharmácia e Odontologia do Estado de Goyaz a análise biográfica será de grande valia, pois são escassos os documentos sobre os

alunos e sobre a própria escola, assim esta pesquisa de valerá da biografia de uma de suas alunas.

No estudo sobre o patrimônio a fonte imprensa periódica, composta pelos jornais, almanaques, anuários, tem sido importantes fontes, às vezes fundamentais, principalmente nos casos onde as fontes são escassas, como é o objeto desta pesquisa, a Escola de Pharmácia e Odontologia de Goyaz.

A importância das fontes periódicas para a análise do passado advém do fato delas serem portadoras de discurso de uma época e de revelarem cenas e fatos do cotidiano de outrora, possibilitando assim uma análise da mentalidade de uma época.

Vários historiadores⁴ tem se debruçado em pesquisas sobre a importância da imprensa escrita como fonte histórica. Múltiplas são as possibilidades de se utilizar os jornais como fonte histórica. Através da análise das notícias temos informações políticas, culturais e econômicas de uma determinada época. Pode-se analisar a forma pela qual as notícias e propagandas, bem como as fotografias e os anúncios são apresentados. Na análise do discurso do jornal o historiador deve enfatizar o papel do jornalista, como um agente significativo na criação dos fatos históricos. Assim é importante analisar a autoria dos acontecimentos, o lugar da história, ou o lugar social, ou seja, a que grupo social o jornalista se insere? Ele escreve contratado por quem? A que público o jornal se destina? Assim o historiador deve perceber o jornal veiculador de um discurso que não é neutro, nem imparcial. Deve-se ainda realizar sempre uma crítica sobre os interesses de poder implícitos no jornal.

Assim cabe ao historiador perceber o não-dito nos jornais, pois ali o acontecimento, que foi testemunhado, é retrabalhado, transformado em notícias, que informam de acordo com as linhas e os interesses de quem o produziu para depois vender a população. (FONSECA, 2007).

A Escola de Pharmácia e Odontologia existiu na Cidade de Goiás no início do século XX. Para contar a história deste espaço que é um patrimônio da história de Goiás nos serviremos de fontes variadas, fotografias, jornais, telegramas, biografias. Esta pesquisa consiste num esforço de reconstrução da

⁴ Entre eles destacam-se Maria Helena Capelato, que analisa a relação entre a imprensa e a História do Brasil, e Maria Salete Magnoni que analisa o papel da imprensa na República Velha.

história e pretende contribuir para a compreensão das trajetórias desta instituição e sua importância para a sociedade da época.

1 ESCOLA DE FARMÁCIA E ODONTOLOGIA DO ESTADO DE GOIÁS

A Escola de Pharmácia e Odontologia do Estado de Goyaz, embora tenha sido de grande importância para o Estado, teve uma curta história, existiu na Cidade de Goiás no período de 1922 a 1931.

Este artigo propõe analisar os registros de memória da primeira Escola de Pharmácia e Odontologia do Estado de Goyaz, e visa compreender a história desta instituição de ensino, que ilustra a História do Ensino Superior no Estado no início do século XX, bem como a questão política do Estado de Goiás no início do século XX. Visa ainda verificar sua importância para a cidade de Goiás naquele contexto, buscando ainda seu papel social para a época, e entender sua rápida trajetória de onze anos de existência.

Para a análise serão utilizadas diversas fontes, como a biografia da aluna Consuelo Caiado, fotos de arquivos familiares, jornais da época, além das obras de Genesco Ferreira Bretas e Mariana Augusta Fleury Curado.

2 CRIAÇÃO DA ESCOLA DE PHARMÁCIA DE GOYAZ

Uma das principais fontes de pesquisa sobre a Escola de Pharmácia e Odontologia de Goyaz é a obra de Genesco Ferreira Bretas (1991) e a obra de Mariana Augusta Fleury Curado (1981).

Na década de 1920 havia na cidade de Goiás, então capital do Estado, três farmácias: a Farmácia do Hospital São Pedro de Alcântara, na Rua do Carmo, sob responsabilidade do farmacêutico Luiz Marcelino de Camargo; a Farmácia Central, no largo da Matriz, de propriedade do farmacêutico, Francisco Perillo Junior; e a Farmácia Santana, na Rua Xavier Garrido, de propriedade de Angel Arlington Fleury Curado, que na época era recém diplomado pela Escola de Farmácia de Ouro Preto, Minas Gerais. (CURADO, 1961).

Neste início de século começou a surgir a idéia de construção de uma escola de farmácia na cidade de Goiás. Um dos principais idealizadores

eram os farmacêuticos: Otaciano Crisóstomo de Souza Moreira, major-capitão do 6º Batalhão de Caçadores, sediado em Goiás e Ângelo Fleury. Otaciano havia sido companheiro de república de Ângelo Fleury em Ouro Preto, Minas Gerais durante o curso de farmácia. Devido à inexistência de cursos nesta área no Estado de Goiás os estudantes tinham que se deslocarem para outros estados. Devido à proximidade com nosso Estado, a Escola de Farmácia de Ouro Preto era uma das que mais recebia os goianos (CURADO, 1961).

A partir das conversas entre os dois amigos surgiu a ideia de construção de uma Escola de Farmácia na cidade de Goiás. Animados pelo calor da mocidade e pelo desejo de concorrerem para o desenvolvimento da terra natal, pediram o apoio de Constâncio Gomes de Oliveira, também farmacêutico, que na época ocupava uma secretaria do governo do Estado. (CURADO, 1961).

Com a aprovação e apoio do outro farmacêutico Constâncio Gomes de Oliveira, os três jovens farmacêuticos começaram a organizar a fundação da Escola. Inicialmente reuniram-se no salão do primeiro andar do Hospital de Caridade São Pedro de Alcântara, cedido por Luiz Marcelino de Camargo, no dia 26 de março de 1922, e então ficou acordado a permissão, por escrito da junta, relativa à ocupação das salas e uso de mobiliários existentes no Hospital de Caridade São Pedro de Alcântara para aulas da Escola de Farmácia, até que o prédio próprio para a Escola fosse encontrado. Nesta reunião distribuíram as tarefas: a Otaciano coube fazer convites aos professores, bem como distribuir as disciplinas da turma do primeiro ano; já a Angelo Fleury coube a organização dos estatutos e secretaria, além de organizar os editais. Angelo Fleury deveria também comparecer todos os dias ao Hospital, em horário agendado, até o início do curso. Fleury se tornava uma espécie de secretário-coordenador da escola. E finalmente ao secretário de governo, Constâncio coube a tarefa de trabalhar, junto ao governo, para oficializar e amparar a futura Escola de Pharmácia de Goyaz (CURADO, 1961).

Abaixo uma fotografia do Hospital de Caridade São Pedro de Alcântara, que por um determinado período, sediaria a de Escola de Pharmácia de Goyaz.

Fotografia: Hospital de Caridade São Pedro de Alcântara.



Fonte: site Oficial da Cidade de Goiás (Acesso dia 01/08/2012)

O Hospital de Caridade São Pedro de Alcântara foi fundado no ano de 1825, custando, na época, dois contos de reis. O dinheiro para a construção do referido hospital fora arrecadado, pelos religiosos locais, entre a população local. Documentos relatam que o Hospital foi fundado, sob a proteção de D. Pedro I, através da Carta Imperial datada de 25 de janeiro de 1825, e por isso a homenagem do nome: Hospital de Caridade São Pedro de Alcântara. Construído, com o objetivo inicial de atender enfermos pobres e indigentes, recebia tanto dementes, quanto doentes e necessitados livres ou escravos. Aqui no Brasil, no século XIX, a caridade motivou atos e atitudes e incentivou a criação de inúmeras associações beneficentes, diante da inexistência de outra solução para o problema da pobreza que não fosse o apelo à generosidade dos mais ricos com relação aos desvalidos (MAGALHÃES, 2004). A seguir será apresentado o processo de criação da Escola.

A criação da Escola de Farmácia de Goyaz, foi narrada por Genésio Ferreira Bretas em sua obra “História da Instrução Pública em Goiás”

Era um dos últimos dias de maio de 1922, um grupo de médicos e farmacêuticos residentes na Capital, se reúne para fundar uma escola de farmácia. Este era um assunto que esses profissionais vinham, havia anos, discutindo em seus encontros ocasionais. O momento era oportuno, visto que na capital já se contava com um certo número de farmacêuticos jovens, idealistas e competentes, formados nas melhores Escolas de Farmácia do País, como Constâncio Gomes de Oliveira, Agnelo Arlington Fleury Curado e Otaciano de Souza Moreira. Entre os médicos interessados achavam-se Brasil Ramos Caiado, Agenor Alves de Castro, Antônio Borges dos Santos e Lincoln Caiado de Castro (BRETAS, 1991, p. 257-258).

Conforme o relato a Escola de Pharmácia da Cidade de Goyaz foi idealizada por farmacêuticos e médicos locais no final do mês de maio de 1922. Estes farmacêuticos haviam sido formados nas melhores escolas de farmácia do país, e contavam ainda com o apoio dos médicos locais: Brasil Ramos Caiado, Agenor Alves de Castro, Antônio Borges dos Santos e Lincoln Caiado de Castro.

A equipe conseguiu realizar o sonho da construção da Escola. A solenidade de abertura ocorreu no dia 08 de maio de 1922, no Hospital de Caridade São Pedro de Alcântara. Estiveram presentes: autoridades locais, professores, futuros alunos e seus familiares. Neste ano o governador do Estado de Goiás cedeu à escola uma ajuda financeira no valor de 12.000\$000. (BRETAS, 1991, p. 527).

A inauguração da escola é descrita como um momento muito festivo para a sociedade local.

A imprensa noticia o acontecimento da fundação da fundação e instalação da Escola com fartos elogios, e pergunta porque não se cria também anexo a escola, um cursos de odontologia, a exemplo do que ocorria nas escolas de outros estados. Goiás tinha, comentava a mesma imprensa, necessidade urgente de dentistas formados, cuja falta era sentida em todos os rincões do Estado. (BRETAS 1991, p. 527).

Para compor a direção e o corpo docente da Escola de Pharmácia escolheram os farmacêuticos e médicos locais. Para ser o primeiro Diretor da Escola foi escolhido o médico Brasil Ramos Caiado. Como vice-Diretor o médico Agenor Alves de Castro. O farmacêutico Constâncio Gomes de Oliveira foi escolhido para ser o tesoureiro. Para compor o corpo docente definiram: o farmacêutico Otaciano Moreira, o médico Antônio Borges dos Santos, o farmacêutico Agnelo Fleury e o médico Humberto Martins Ribeiro. O Estatuto da Escola foi publicado em vários números do jornal local “Correio Oficial” do Estado, nos meses de junho e julho do mesmo ano. (BRETAS, 1991).

O Curso de Pharmácia era constituído das disciplinas: Física Médica, Química Medica, História Natural Médica, Farmacologia, Microbiologia, Bromatologia e Noções de Terapêutica e Toxiologia. As distribuídas eram

distribuídas ao longo dos três anos do curso. A Disciplina Farmacologia (1ª e 2ª partes) era estudada em dois anos. (BRETAS, 1991).

3 AMPLIANDO OS CURSOS: ESCOLA DE PHARMÁCIA E ODONTOLOGIA DE GOYAZ

Um ano após a fundação da primeira Escola de Pharmácia de Goyaz, as autoridades goianas resolveram atender aos pedidos da população local, e criou na escola também o curso de Odontologia. Assim a escola passou a ser denominada Escola de Pharmacia e Odontologia de Goyaz. A Escola de Pharmacia foi reconhecida pela lei Estadual nº 945, de 13 de junho de 1924.

Os estatutos da Escola de Pharmácia de Goyaz e posteriormente da Escola de Pharmacia e Odontologia de Goyaz não apontavam nenhuma entidade responsável pela mesma, deixando assim entender que a mantenedora seriam uma sociedade composta por signatários, os mesmos da diretoria acima apontados. Esses estatutos foram alterados no ano seguinte, para nele se encaixar o curso de Odontologia. Em consequência o Estado aumentou a subvenção para 24:000\$000 anuais (BRETAS, 1991).

De acordo com notas do jornal Correio Official do Estado de Goyaz, do dia 31 de maio de 1928, a ampliação dos cursos, formando a Escola de Pharmacia e Odontologia de Goyaz atendia aos anseios da população:

Vai tendo satisfatório desenvolvimento este instituto superior de ensino, que perfeitamente se adapta as exigências locais. Não podem ser obscurecidas as vantagens associadas a existência dessa escola, para a mocidade religiosa que, em grande parte, impossibilitada de instruir-se fora de sua terra, nela encontra os meios de satisfazer as aspirações que a animam, (CORREIO OFFICIAL DO ESTADO DE GOYAZ, 1928, p. 2).

O referido jornal mostra que a escola era um importante espaço de formação de pessoas que iriam atuar na melhoria da saúde da população do Estado de Goiás. E que a mesma veio preencher uma lacuna, uma vez que a população do Estado vivia afastada dos outros centros, e necessitavam de farmacêuticos e dentistas, sendo motivo de júbilo estar sendo

progressivamente suprida essa falta. A criação dos dois cursos permitia, aos rincões goianos dar cunho de legalidade ao exercício de profissões, que tanto importavam à saúde da população naquele período. (CORREIO OFFICIAL DO ESTADO DE GOYAZ, 1928). É mister salientar que, devido a ausência de médicos os farmacêuticos eram, naquelas décadas, as pessoas as quais a maioria da população goiana recorria em caso de doença.

Com dois cursos de nível superior o problema agora era a sede própria da escola. Para a sediar a Escola de Pharmacia e Odontologia de Goyaz foi escolhido o prédio do antigo Gabinete Literário. Este prédio havia sido construído em 1908 para abrigar o Gabinete Literário. Bretas cita as especificações do prédio escrito no contrato com a empreiteira que o edificou:

O edifício será construído na praça 1º de junho (Largo do Chafariz) em um terreno adquirido pela municipalidade entre a Cadeia e a Rua Nova Presidente, e terá a estrutura de um Chalet Suiço com dois frontispícios, um para o Largo e outro para a Rua Nova ambos com ângulo de 68º graus. As extremidades inferiores do telhado, a face dos frontispícios e a sacada serão guarnecidas por ornamentos recortados de madeira. (BRETAS, 1991, p. 535).

Em relação aos compartimentos o prédio era composto de uma parte térrea e uma parte superior. Na parte térrea havia três espaços, um quarto bibliotecário, que media 7,20 m², um cômodo, de 6 m², e um salão para a biblioteca de 68,40 m², no qual havia um vão de prateleiras de 79,50 m². O prédio tinha treze janelas. Já no andar superior, que consistia em um grande salão de 89,72 m², capaz de comportar 360 pessoas, era um local idealizado para se realizar reuniões. (BRETAS, 1991).

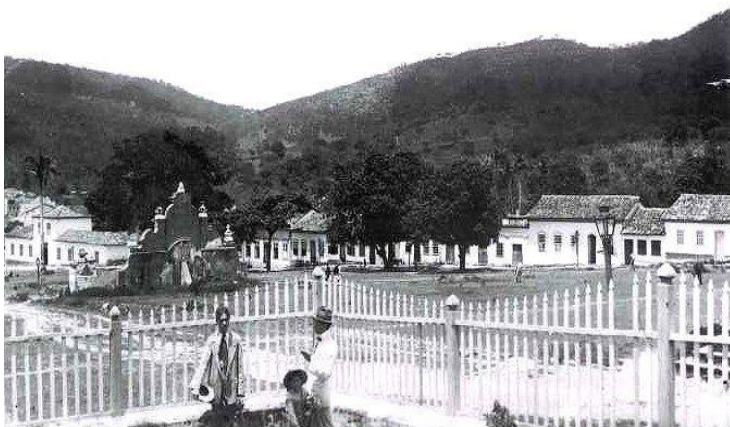
Fotografia: Frente do prédio da Escola de Pharmacia e Odontologia de Goyaz



Fonte: Joaquim. Chaveiro – Acervo Marco Antônio Veiga

Na fotografia acima pode-se vislumbrar a beleza deste chalé suíço. Sobre a frente do prédio Bretas (1991, p. 535) narra: “A frente do prédio será ajardinada, e cercada por uma grade de madeira, com 15 esteios de aroeira”. A obra custou 20:500\$000, e foi entregue no dia 25 de março de 1908. Na fotografia abaixo vemos pessoas nesta parte da frente do prédio.

Fotografia: Frente do prédio da Escola de Pharmacia e Odontologia de Goyaz



Fonte: www.facebook.com/cidadedegoias.velho

A fotografia ilustra a grade de madeira do jardim do prédio, onde percebe-se quatro dos quinze esteios de madeira. Desta parte do prédio tinha-se uma bela visão da praça 1º de Junho e ao fundo o morro do Canta Galo. Pelas roupas usadas pelos senhores que aparecem na fotografia podemos supor que faziam parte da elite da cidade. O prédio escolhido para ser a sede

da Escola de Pharmacia e Odontologia de Goyaz não era novo. Já tinha vinte anos de construção.

A fotografia abaixo apresenta uma visão panorâmica da praça 1º de Junho. Percebe-se ao fundo o Chafariz, à direita o prédio da antiga Cadeia, e no centro o prédio da Escola.

Fotografia: Localização da Escola de Pharmácia e Odontologia.



Fonte: Alencastro Veiga – década de 1930.

Já a fotografia abaixo nos apresenta uma visão deste prédio, de outra ótica, do lado de baixo da praça. Percebe-se ao fundo a antiga Cadeia e, à esquerda o prédio da Escola, localizado na esquina. Este era um lugar estratégico, na praça central da cidade.

Fotografia: Localização da Escola de Pharmácia e Odontologia



Fonte: www.facebook.com/cidadedegoias.velho

Bretas (1991) relata que talvez este tenha sido o único prédio destinado a serviço público, que fora construído com tal intuito, em mais de um século na capital. E que juntamente ao Gabinete Literário, na parte superior do prédio passou a funcionar o Senado Estadual. O Gabinete Literário ficou instalado neste chalé suíço por muitos anos, mas o prédio começou a apresentar problemas com apenas quinze anos de existência, quando as madeiras começaram a apodrecer.

Não temos informações sobre restaurações no prédio para a instauração da Escola de Pharmacia e Odontologia.

Sobre as instalações para as aulas práticas da Escola de Pharmacia e Odontologia de Goyaz o Correio Oficial do Estado de Goyaz, do dia 31 de maio de 1928, relata que a escola possuía: um laboratório de farmácia, um gabinete odontológico, uma oficina de prótese, e também que o governo havia colocado a disposição dos alunos o Laboratório de Analyse da Diretoria de Hygiene:

A escola possui um llaboratorio para a pratica de pharmacia, um gabinete odontológico e officina de pothese, em que os alumnos adquirem pratica de profissão sendo-lhes ainda facultado pelo governo o laboratório de analyse da directoria de hygiene. (CORREIO OFFICIAL DO ESTADO DE GOYAZ, 1928, p. 3).

Percebe-se que a sociedade, tal como os governantes se mobilizavam para disponibilizar a escola os espaços e laboratórios necessários a aprendizagem dos alunos.

4 OS ALUNOS DA ESCOLA DE PHARMÁCIA E ODONTOLOGIA DE GOYAZ

Os alunos da Escola de Pharmacia e Odontologia eram jovens, provenientes de famílias abastadas que vinham de várias regiões: tem-se informações de alunos da Capital, Vila Boa, de Minas Gerais, Arrayas, Jaraguá, Posse, Pouso Alto entre outros (KOFES, 2001).

O Jornal Correio Oficial do Estado de Goyaz, do dia 31 de maio de 1928, traz um quadro estatístico dos alunos matriculados na Escola de Pharmacia e Odontologia do Estado de Goyaz:

Figura: Quadro estatístico dos alunos matriculados:

	1° anno	2° anno	3° anno
1922	25		
1923	26	16	
1924	6	20	16
1925	26	6	24
1926	19	20	6
1927	21	24	18
1928	23	13	21

Fonte: Correio Oficial do Estado de Goyaz (31 de maio de 1928)

Pelo quadro acima, fica evidenciado que no período de sete anos passaram pela escola cerca de 146 alunos, um dado significativo. Assim esta escola diplomou neste período 85 profissionais. Imagina-se que assim a na Escola de Pharmacia e Odontologia do Estado de Goyaz muito contribuiu para a mudança no quadro de profissionais da área da saúde do Estado naquela época.

O quadro mostra que também a evasão, ou repetência dos alunos, não era expressiva. A porcentagem de alunos formandos em relação aos alunos ingressantes variou de 100% a 80%. Percebe-se ainda que o número de alunos que iniciavam seus estudos na Escola manteve-se na casa dos vinte e poucos alunos, exceto no ano de 1924 que foi apenas seis alunos.

5 BAILE DE FORMATURA DE 1924: COLAÇÃO DE GRAU DA PRIMEIRA TURMA DE FORMANDOS EM FARMÁCIA

A colação de grau da primeira turma de formandos em farmácia ocorreu no dia 25 de dezembro de 1924. A lista dos formandos composta pelos graduandos: Anita Fleury Curado, Antônio Diurivê Ramos Jubé, Belisária Costa Campos, Clotário de Freitas, Eliseu da Cunha Filho; Elpídio Luíz Brandão, Eurico Perillo, Laurinda Seixo de Brito, Joao Baptista Gomes de Oliveir, Joaquim Marcos de Arruda, Joaquim Péclat, Joaquim Rufino Ramos Jubé Junior, José da Silva Perillo, Otaviano de Moares, e Vasco Pinheiro de Lemos. (CURADO, 1981).

Pela descrição de Curado percebe-se que dentre estes formandos havia três mulheres: Belisária Costa Campos, Laurinda Seixo de Brito e Anita Fleury Curado. Já os homens eram doze: Antônio Diurivê Ramos Jubé; Clotário de Freitas, Eliseu da Cunha Filho, Elpídio Luíz Brandão, Eurico Perillo, Laurinda Seixo de Brito, Joao Baptista Gomes de Oliveira, Joaquim Marcos de Arruda, Joaquim Péclat, Joaquim Rufino Ramos Jubé Junior, José da Silva Perillo, Otaviano de Moraes e Vasco Pinheiro de Lemos. Se considerado o ano em que ocorreu a formatura pode-se considerar até alto o número de mulheres formandas, uma vez que dentre eles 27% eram mulheres. A presença de mulheres entre os alunos é um dado que chama a atenção, uma vez que era um grande avanço para a época, pois eram poucas as mulheres que tinham a permissão dos pais para estudarem. Curado (1981) destaca que, conforme depoimentos da população vilaboense, nenhuma delas exerceu a profissão. Todavia três mulheres concluindo um curso superior em Goiás em plena década de 1920 já é um dado a ser considerado.

Nota-se na lista dos formandos presença de representantes das famílias tradicionais vilaboenses e da região: Fleury, Curado, Jubé, Costa, Brito, Brandão, Perillo, Peclat, entre outros. Ou seja, esta era uma escola que atendia a elite goiana da época.

A festa de formatura, na noite natal de 1924, foi descrita como uma bela noite festiva, quando os salões do palácio Conde dos Arcos, foram iluminados e ornamentados com palmas e cortinas esvoaçantes, repletos de jovens formandos e seus amigos e familiares, que estavam felizes com a vitória alcançada, o sonho de ver formando a primeira turma de farmácia se tornava realidade (CURADO, 1981).

6 CONSUELO CAIADO: UMA MULHER QUE SE FORMA EM FARMÁCIA

Poucos são os documentos que são disponibilizados sobre os alunos da Escola. Um deles é a biografia de Consuelo Caiado. Consuelo nasceu na cidade de Goiás no dia 07 de novembro de 1889. Era filha de Antônio Ramos Caiado, mais conhecido como Totó Caiado e Iracema de Carvalho. Seu pai era natural de Vila Boa e sua mãe natural do Rio de Janeiro. Consuelo viveu em Goiás até 1906. Em 1907 sua mãe faleceu no Rio de

Janeiro, e a partir de então Consuelo permaneceu na cidade do Rio de Janeiro, aos cuidados de seus avós maternos, juntamente com suas duas irmãs. Consuelo retorna a Cidade de Goiás em 1910, aos 21 anos de idade. A moça recebia aulas particulares em casa, como era costume da época, e só faziam os exames nos Colégios. Existe um registro de 1915, no Colégio Santana, onde ela faz uma inscrição para exame do primeiro ano normal (KOFES, 2001).

Consuelo se ingressa na Escola de Pharmacia e se forma em 1927, então com 28 anos. Ela fez parte da penúltima turma a se ingressar na Escola de Pharmacia. Alias, somente a partir daí encontra-se registro público de sua presença na cidade (KOFES, 2001).

No final da década de 1920 o Partido Democrata, presidido pelo pai de Consuelo, Totó Caiado, que contava como canal de expressão o jornal O Democrata, enfrentava séria oposição. Esta oposição seria vitoriosa e em 1930, também como retaliação política, a capital do Estado de Goiás foi transferida para o local onde se construiu a cidade de Goiânia. (KOFES, 2001).

Sobre a atuação de Consuelo Caiado temos poucas informações. Todavia a pesquisadora Sueli Kofes descreve que Consuelo Caiado se destacava entre os colegas de curso. “As melhores notas foram de Consuelo (Pharmacologia, 9, distinção; Bromatologia, 10; Toxicologia, 9 ,distinção; Higiene e Medicinal Legal, 10” (KOFES, 2001 p. 51).

7 O BAILE ROSA: COLAÇÃO DE GRAU DOS FARMACOLANDOS DE 1927

A Biografia de Consuelo nos fornece ricas informações sobre as festas de formatura da Escola de Pharmácia e Odontologia de Goyaz. Kofes afirma que o primeiro registro do nome de Consuelo encontrado em jornal local foi quando de sua formatura, descrita pelo jornal “O Democrata”, de 06 de janeiro de 1928. O jornal relata “colação de grau dos farmacolandos de 1927”, são citados os nomes e notas dos formandos, além de descrição do grande evento social vilaboense, o Baile Rosa.

No dia 13 de janeiro de 1928, na primeira página do jornal “O Democrata”, foi publicada uma nota sobre a festa de formatura da Escola de Pharmácia sob o título de: “A festa da Escola de Pharmácia, uma noite de deslumbramento” (KOFES, 2001).

Inicialmente o Jornal descreve a missa em ações de graça da formatura:

Cêdo, pelas 8 horas de um dia claro e de sol esplendido, foi cantada a missa solene, celebrada por mns. Confúcio, que foi acolytado por dois sacerdotes. A catedral encheu-se de grande numero de familiares e de cavalheiros da nossa “elite” social. O templo que teve, postada no adro a banda de música da Força Pública, executando harmoniosas peças de seu variado repertorio, revestiu-se de empolgante ornamentação própria da liturgia romana. No côro vozes femininas fizeram-se ouvir, tendo officio religioso terminado cêrca das 9 horas. (O DEMOCRATA *apud* KOFES, 2001, p. 52).

A nota do jornal deixa claro que na missa em ação de graças, os formandos e seus familiares eram representantes da elite social da capital.

O baile de formatura da Escola de Pharmácia ocorreu no Palácio do Governo, cedido pelo governador, na época, o Dr. Brasil Caiado, que também havia sido o primeiro Diretor da Escola.

Abaixo trecho do jornal “O Democrata” no qual é descrito o baile de formatura que ocorreu em janeiro de 1927:

Esteve deslumbrante a festa, com que os pharmacolandos de 1927 solenizaram a sua formatura, realizada no dia 06, no Palácio do Governo, cedido gentilmente pelo Exmo. Sr. Dr. Brasil Caiado. Os autos cruzavam em todas as direções e os convidados em massa compacta chegavam ao palácio, onde eram recebidos carinhosamente por uma comissão que os introduzia nos salões vastos da residência presidencial, os quais foram caprichosamente iluminados. (O DEMOCRATA *apud* COFES, 2001, p. 51-52).

O “Baile Rosa” não ficou apenas registrado na imprensa, mas também na memória da cidade. Koffes (2001) relata que ao fazer a pesquisa para a escrita da biografia de Consuelo Caiado ouviu narrativas sobre este baile de senhoras, com mais de oitenta anos, e que as todas destacaram as roupas elegantes do evento, o glamour da noite. Kofes relata também que Consuelo guardou seu Carnet de danças e alguns detalhes do chapéu usado, dados de presentes as pessoas com as quais ela conviveu no final de sua vida.

Uma das amigas de Consuelo, a professora da Universidade Estadual de Goiás, Marlene Velasco, nos confidenciou que ganhou, de Consuelo, o leque que ela havia usado no baile. A professora relata que

guardou este leque com carinho, mas que a enchente que atacou a cidade de Goiás, no ano de 2002, ao invadir a sua casa levou o leque.

Sobre o Curso de Odontologia não tivemos acesso a documentos. Apenas encontramos, no site do Museu Virtual de Educação do Estado de Goiás, a fotografia abaixo, que é de um grupo de formandos da Escola.

Fotografia: Formandos da Escola de Pharmácia Odontologia de Goyaz de 1927.



Fonte: Museu Virtual da Educação de Goiás. In: <http://200.137.218.134/index.php/21727;isad>

Segundo informações do Museu Virtual da Educação de Goiás estes eram formandos em Odontologia da Escola de Pharmácia e Odontologia do ano de 1930, que eram denominados, na época, de odontolandos.

O site nos informa que havia seis formandos, dentre eles uma mulher. Assim analisando o número de alunos matriculados em 1928 e que se formaram em 1930 era de 23 alunos, mesmo com evasão escolar é difícil imaginar que se formaram apenas seis. Já os formandos de 1926, que tiveram

seu baile de formatura em janeiro de 1927 eram seis formandos e dentre eles uma mulher, Consuelo Caiado, isto leva a conclusão de que esta fotografia se refere aos formandos em farmácia de 1926, que tiveram baile de formatura em 1927, o Baile Rosa.

Outra informação oferecida pelo site é de que estes formandos eram das cidades de: Goyaz, Arrayas, Jaraguá, Minas, Posse e Pouso Alto. Há na foto além dos formandos seis homenageados além do paraninfo e do diretor, Dr. Brasil R. Caiado, confirma o Museu.

O advento da reforma Francisco Campos⁵ abriu, a estes formados, a oportunidade de validar seus diplomas, através de exames feitos em Faculdades oficiais da União. Vários egressos desta escola partiram, então, para Belo Horizonte e Rio de Janeiro, para submeterem a esses exames. (BRETAS ano p. 528).

8 A HISTÓRIA DA ESCOLA DE PHARMÁCIA E ODONTOLOGIA DE GOYAZ NO CONTEXTO LOCAL

A história da Escola de Pharmácia e Odontologia de Goyaz se insere no contexto da história da Primeira República em Goiás. Analisando as primeiras décadas do século XX em Goiás, Palaccin e Moraes (1989) afirmam que não houve grandes modificações na situação goiana após a decadência da mineração no fim do século XVIII. Goiás continuava sendo um estado isolado, com pouca povoação, quase totalmente rural e com uma economia de subsistência. Os autores destacam que ao contrário de outros estados, como São Paulo, que iniciavam a modernização da agricultura, ou a industrialização, Goiás continuava “fora da corrente do progresso”.

⁵ Primeira reforma educacional de caráter nacional, realizada pelo então Ministro da Educação e Saúde, Francisco Campos. A reforma deu uma estrutura orgânica ao ensino secundário, comercial e superior. Estabeleceu o currículo seriado, a frequência obrigatória, o ensino em dois ciclos: um fundamental, com duração de cinco anos, e outro complementar, com dois anos, e ainda a exigência de habilitação neles para o ingresso no ensino superior. Além disso, equiparou todos os colégios secundários oficiais ao Colégio Pedro II, mediante a inspeção federal e deu a mesma oportunidade às escolas particulares que se organizassem, segundo o decreto, e se submetessem à mesma inspeção. Introduziu mudanças no ensino de línguas estrangeiras, francês, inglês e alemão, que prevaleceram sobre o Latim.

Palaccin e Moraes apresentam o automóvel como um dos inventos que veio revolucionar os transportes no Estado. Datam de 1907 a chegada do primeiro automóvel a cidade de Goiás, e creditam ao ano de 1927 a inauguração da primeira Estrada de rodagem. Este era o primeiro trecho que ligava a capital à estação da estrada de ferro. Mostram ainda que o movimento de carros nesta estrada era pouco, em 1930 passavam diariamente por esta estrada cerca de dez veículos entre carros e caminhões. Destacam que os transportes de carga geralmente eram feitos por carros de bois, que transitavam em estradas de rodagem, mal construídas e sem conservação.

Analisando a política administrativa em Goiás durante este período da Primeira República, Souza e Carneiro (1996) relatam o arranjo coronelista que foi estabelecido pelo compromisso entre os grupos políticos municipais sob o controle do poder executivo local. Enfatizando que o governo Xavier de Almeida pautou-se na tentativa de moralização e racionalização administrativa, dando “certa” atenção a educação, mas que, devido a força da política do compadrio local, não conseguiu eleger seu sucessor. Assim oligarquias se sucederam durante este período na capital: Bulhões, Xavier Almeida, Caiado, foram se sucedendo até 1930.

Em 1901, devido às dissidências na oligarquia dos Bulhões, Xavier de Almeida, foi indicado ao cargo de Presidente do Estado de Goyaz. Xavier era casado com uma das herdeiras de uma das maiores fortunas do sudoeste goiano, a filha dos Lopes de Moraes, que tinha uma atuação política independente dos Bulhões. Tentando fazer um governo independente, e visando a afirmação de um novo grupo político, Xavier procurou aproximar os coronéis interioranos dos grupos dissidentes do Centro Republicano: Antônio Ramos Caiado, João Alves de Castro e Sebastião Fleury, Gonzaga Jayme entre outros. Estes coronéis tinham carta branca no município. Goiás gozava de certa autonomia, por ser um Estado periférico, assim a organização do poder estadual decorreu-se da conjuntura, econômica, política e social destes grupos envolvidos. Em 1909 Xavier indica seu cunhado Hermenegildo Moraes, para Governo do Estado, o que levou a cisão do grupo e a formação de um novo partido, que congregou os dissidentes: Caiado, Jayme e Bulhões. Assim terminou o domínio Xavierista. (SOUZA; CARNEIRO, 1996).

No período de 1912 a 1917 o Estado de Goiás sofreu várias intervenções federais. E a família Caiado criou as condições para formar-se como grupo hegemônico, através do Partido Democrático (PD). Assim o período da História de Goiás de 1912 a 1930 ficou conhecido como Caiadismo. Este período destacou-se pela presença dos coronéis, que exerceram total poder, administravam o Estado como coisa particular, de acordo com seus interesses. Dada a localização, e a descentralização da Primeira República, o Estado de Goiás era relegado ao isolamento. Isto propiciou o predomínio dos coronéis. Houve um fortalecimento do poder local. O nome de maior expressão política local era o de Antônio de Ramos Caiado, o Totó Caiado. (SOUZA; CARNEIRO, 1996).

A educação neste período foi difundida lentamente. E apenas tinha acesso a ela uma classe privilegiada, a parcela dominante local. Assim apenas a elite teve acesso aos estudos no: Colégio Santana, fundado em 1889, ao Curso Jurídico da Escola de Direito de Goyaz, fundada em 1903, e a Escola de Pharmácia de Goyaz, fundada em 1922. (SOUZA; CARNEIRO, p. 59, 1996).

Como se percebe a Escola de Pharmácia de Goyaz, foi fundada pela e para a elite local. O sobrenome dos alunos: Caiado, Fleury, Costa, Brandão entre outros, corrobora esta afirmativa.

A Escola de Pharmácia e Odontologia de Goyaz foi fundada e atuou dentro do período em que funcionava o denominado “pacto coronelista”, onde o governo, em troca de apoio às eleições, cedia o exercício da jurisdição política no interior aos coronéis.

9 A REVOLUÇÃO DE 1930 E O FIM DA ESCOLA DE PHARMÁCIA E ODONTOLOGIA DE GOYAZ

A crise do sistema capitalista de 1929 com a quebra da bolsa de valores de Nova York, promoveu a quebra do setor agrário cafeeiro que eram ligados à demanda externa. As facções políticas da classe dominante, que estavam insatisfeitas, usaram o momento para impor a unidade nacional, contra o particularismo regional, comandado pelos coronéis. Este período, denominado de Revolução de 1930 apenas foi possível devido a uma aliança transitória entre alguns governos estaduais (Minas Gerais, e regiões Sul e parte

do Nordeste, com industriais, tenentes, a classe média, e algumas facções de trabalhadores urbanos, enfim parcelas da população que, por diversas razões, estavam insatisfeitos com a condução da política nacional. (SOUZA; CARNEIRO, p. 65-66, 1996).

A partir de 1930 inicia-se a formação de um Estado mediador entre as classes dominantes e as classes subalternas, objetivando a unidade nacional e a organização de um Estado forte e centralizado. Esta Revolução levou a formação de um governo federal provisório, com a criação de uma junta militar. Mas a massa popular aclamou Getúlio Vargas, o que o levou a assumir o governo. O governo provisório visava acabar com o poder local dos coronéis e o fortalecimento do Estado Nacional, fecharam o Congresso Nacional, as Assembléias Legislativas Estaduais e Municipais, Partidos Políticos e nomearam interventores para governar os Estados. (SOUZA; CARNEIRO, p. 66-67, 1996).

No Estado de Goiás a Revolução de 1930 marca uma nova era de poder, que ficou conhecida como a era Ludovico. Esta Revolução foi fruto de uma dissidência entre as oligarquias. Na medida em que as regiões do sul e sudeste goiano, fora se tornando mais desenvolvidas economicamente começaram a reivindicar uma maior participação política. Todavia esta reivindicação era desconsiderada e impedida pela centralização política da oligarquia Caiado. Assim no sudoeste goiano iniciou-se uma dissidência política liderada pelo médico Pedro Ludovico Teixeira. Este médico havia nascido na capital Goiás, mudou-se para o Rio de Janeiro, para cursar medicina, após se formar mudou para a cidade de Rio Verde, onde exercia a profissão e difundia novos ideais políticos. Para tal Pedro Ludovico fundou o jornal “O Sertão”. (KOFES, 2001).

Pedro Ludovico Teixeira fazia parte do grupo de oposição, que no Estado de Goiás se estabelecia em Rio Verde, Anápolis e Inhumas. Esta oposição foi fruto de desentendimentos pessoais entre famílias oligárquicas da classe dominante da então capital do Estado. Dentro também da própria família Caiado, na capital Goiás, houve uma dissidência liderada por Mário Caiado, um juiz de Direito, que em 1927 fundou o jornal “A Voz do Povo” para difundir seus ideais. Através deste jornal Mário Caiado criticava a República Velha e defendia valores como a justiça e a moral, além de levantar a bandeira do povo

oprimido. Este fato ilustra uma característica da época em todo o país, onde jovens de famílias tradicionais que iam cursar o ensino superior em grandes centros como Rio de Janeiro, no retorno a terra natal traziam concepções e visões de progresso, através das quais iniciaram uma crítica ao Estado de Goiás, como o local do atraso. (KOFES, 2001).

No dia 04 de outubro de 1930 Pedro Ludovico reuniu 120 voluntários na região do Triângulo Mineiro com o objetivo de invadir o sudoeste goiano. (SOUZA; CARNEIRO, 1996; PALACIN; MORAES, 1989). No telegrama abaixo Totó Caiado informa ao governo federal desta investida:

Telegrama: De Totó Caiado ao Governo Federal.

Congressista

Destino de: *Brasília, Presidente*

Nº: *12*

Palavra: *Repubblica. Rio.*

Data: *4/10/30*

H.: *10h*

TELEGRAMA

<i>Acabo</i>	<i>receber</i>	<i>Comunicação</i>
<i>de que</i>	<i>desde</i>	<i>noite 12</i>
<i>Corrente</i>	<i>está</i>	<i>chegando</i>
<i>Contingente</i>	<i>força</i>	<i>polícia</i>
<i>Munizera</i>	<i>uma</i>	<i>cidade</i>
<i>Uberlândia</i>	<i>e</i>	<i>Praguara</i>
<i>armadas</i>	<i>metrômetro</i>	<i>sem</i>
<i>Como</i>	<i>caminhão</i>	<i>carregados</i>
<i>munição</i>	<i>constante</i>	<i>preparam</i>
<i>revolução</i>	<i>em</i>	<i>viagem</i>
<i>Goyaz</i>	<i>Vamos</i>	<i>tomar providência</i>
<i>Cordeiro</i>	<i>audaces</i>	<i>Raimundo Caiado</i>

Identificação do expediente: *Antônio Fideles*

Fonte: <http://www.google.com.br/imgres?q=antonio+caiado> (Acesso 09/08/2012).

No telegrama acima Totó Caiado informa ao governo federal que está ciente da existência e propósito do grupo e que tomará providências, no sentido de conter o grupo. Totó Caiado conseguiu seu intento, pois próximo a cidade de Rio Verde Pedro Ludovico foi preso e o grupo dispersado. Chegada a Revolução de 1930 foi imposto em Goiás tal como em outros Estados, um governo provisório, que era composto de 03 membros entre eles, Pedro Ludovico, que logo depois foi nomeado interventor. (SOUZA; CARNEIRO, 1996; PALACIN; MORAES, 1989).

Fotografia: Pedro Ludovico Teixeira



Fonte: <http://www.google.com.br/imgres?q=pedro+ludovico> (acesso dia 09/08/2012)

Durante o período denominado de “transição”, que foi entre 1930 a 1937, ocorreram várias disputas de poder regional. Enquanto Pedro Ludovico retomava a idéia, proposta em 1754, de mudança da capital, Totó Caiado e seu grupo defendiam a idéia de remodelação da cidade de Goiás.

Como interventor Pedro Ludovico, trabalhou no sentido de criar condições para impulsionar a ocupação do Estado, buscou-se direcionar os excedentes populacionais para espaços demográficos vazios, visando aumentar a produção econômica. Assim acreditando que a tal intento seria possível através da garantia de infra-estrutura básica que ligasse o centro-oeste ao sul do país. (SOUZA; CARNEIRO, p. 68, 1996).

Todavia apesar das esperanças da população a Revolução de 1930 não provocou nenhuma mudança social no Estado. A junta Governamental goiana recebeu telegramas de felicitações que falavam de “liberdade ao povo goiano escravizado”. Houve uma mudança política, jovens, politicamente novos, foram convidados a trabalhar no governo assim houve inicialmente uma abertura e saneamento na política, mas a Revolução não mudou as bases sociais. (PALACIN; MORAES, 1989).

Assim, respaldado pela ideologia do desenvolvimentista e nacionalista, Pedro Ludovico conseguiu aprovar a resolução da mudança da

capital para Goiânia, em 1933. Justificavam a mudança da capital alegando a situação geográfica de Vila Boa, localizada entre serras, o que dificultava o acesso, Alegavam também a insalubridade do clima a falta de estradas e a dificuldade de comunicação com o centro sul. (SOUZA; CARNEIRO, p. 68-69, 1996).

Pedro Ludovico Teixeira justificava a mudança através de ataques às deficiências e ao marasmo da Cidade de Goiás. Todavia esta mudança visava atingir o centro de poder dos grupos políticos depostos. Atacar Goiás era uma forma de atacar os Caiados, o núcleo de poder da Primeira Republica. Paralelamente, armava-se uma sintonia com os anseios econômicos dos grupos políticos do sul e sudoeste do Estado. (CHAUL, 2009, p.103).

Desde os primórdios da história de Goiás a localização da capital era vista como um problema. O primeiro governador de Goiás, Conde dos Arcos, em 1753 respondendo a uma consulta do governo português, noticiava que a mudança da capital de Vila Boa para Meia Ponte, hoje Pirenópolis, seria benéfica para a capitania, uma vez que o clima de Vila Boa e sua situação geográfica eram inferiores a Meia Ponte. (PALACIN; MORAES, p. 106, 1989).

A mudança da capital de Vila Boa, para a futura Goiânia enfrentava dois obstáculos: o gasto financeiro, por parte do governo, uma vez que teria que ser construído todos os prédios públicos; e a população de Vila Boa, que tanto por motivos sentimentais quanto econômicos se opunham a mudança. (PALACIN; MORAES, p. 107, 1989).

Pedro Ludovico argumentava que os Estado de Sergipe e Minas Gerais haviam conseguido sucesso com a mudança de suas capitais. Este argumento visava demonstrar que o Estado precisava se inserir no projeto nacional. A nova capital seria o símbolo unificador dos grupos em ascensão servindo de plataforma política. Assim Goiânia foi edificada sob o prisma da modernidade, mas ligada à estrutura fundiária. O estigma da decadência, que, na época pós-mineração, permeou a província, e o estigma do atraso, que simbolizava o Estado de Goiás na Primeira República, foram retomados por Ludovico para reforçar a representação de sua antítese, ou seja, a modernidade que a construção de Goiânia expressava. (CHAUL, 2009, p. 105).

Em outubro de 1932 Pedro Ludovico viaja ao Rio de Janeiro buscando apoio político e financeiro do governo federal para a construção da

nova capital. Assim a mudança somente foi possível com o apoio do governo federal. No dia 07 de novembro de 1935 realizou-se a “mudança provisória”: o governador Pedro Ludovico, muda, deixando em Vila Boa a Câmara e o Judiciário. A mudança definitiva ocorreu em 1937, quando os prédios públicos estavam prontos. (PALACIN; MORAES, p. 109, 1989).

Voltando a história da Escola de Pharmácia e Odontologia de Goyaz Bretas (1991) destaca que há relatos que em 1930 a escola comemorou seu oitavo aniversário com uma animada festa. Mas que após a Revolução de 1930 não se encontra nos documentos oficiais do governo estadual nem mesmo na imprensa local da época nenhuma notícia da Escola.

O mesmo autor mostra que no relatório de Pedro Ludovico à Getúlio Vargas, sobre o período de 1930 a 1933 não se encontra nenhuma referência a Escola. E afirma que “parece que o governo revolucionário tratou, de início, de a congelar, deixando de pagar a subvenção, sem a qual a escola não poderia sobreviver” (BRETAS, ano, p. 528). O autor credita este descaso pelo fato de que os membros do corpo dirigente e docente da escola ser ligados ao governo deposto, especialmente a família Caiado.

O fim da Escola de Pharmácia e Odontologia de Goyaz é apresentado de outra forma por Curado (1981) que relata que uma vez consolidada a Revolução de 1930, o secretário do governo, Dr. José Honorato da Silva e Sousa, designou uma comissão para inventariar os bens da Escola. E que esta junta foi composta por: Francisco Ferreira dos Santos Azevedo, João Coutinho e Agnelo Arlington Fleury Curado, que no dia 04 de março de 1931, após fazer o inventariado os bens da escola, depositou-os em uma secretaria do governo e assim se extinguiu a Escola de Pharmácia e Odontologia de Goyaz.

Diante do exposto fica evidenciado que mais uma vez na história de nosso Estado, questões políticas partidárias interferem na educação.

10 A ESCOLA DE PHARMÁCIA E ODONTOLOGIA DE GOYAZ E O CONTEXTO DO ENSINO SUPERIOR NO BRASIL

A história da Escola de Pharmácia e Odontologia de Goyaz se inscreve dentro do contexto da educação superior no Brasil.

A educação superior em Goiás articula-se ao movimento tardio de implementação do nível de ensino no Brasil. Assim, no Estado de Goiás o primeiro curso de caráter superior foi implantado em 1903, com uma diferença de cerca de 95 anos do primeiro curso superior no Brasil. Nossa educação superior começou com a implantação da Escola de Direito. Até a década de 1930 o ensino superior em Goiás restringia-se à Escola de Direito de Goyaz, bem como a Escola de Farmácia e Odontologia, ambas localizadas na capital Vila Boa. Somente depois é que foram criadas as universidades. (SFREDO; MACEDO, 2011).

Assim ao longo da Primeira República o sistema educacional brasileiro era subdividido em dois tipos: as escolas de nível secundário e superior, para a elite, e as escolas de nível primário e técnico para a população menos favorecida. (SFREDO; MACEDO, 2011).

A Escola de Farmácia e Odontologia, atendia aos jovens da elite vilaboense da época, que devido a ideologia do bacharelismo, almejavam obter um diploma superior, onde muitas vezes, não importava em qual área.

Foi no período na República Nova que os idealistas da Revolução de 1930 percebendo a necessidade de se formar uma elite mais intelectualizada e melhor preparada para os novos rumos da economia e da política resolveram criar as primeiras universidades do Estado de Goiás: a Universidade Católica de Goiás (UCG) em 1956, que foi uma iniciativa de Dom Fernando dos Santos, e a Universidade Federal de Goiás criada em 1960, com o apoio de Colemar Natal e Silva na época diretor da Faculdade de Direito (SFREDO; MACEDO, 2011).

A Escola de Farmácia de Goiás, teve sua história, quase que totalmente apagada, poucos são os registros, as fontes documentais, acerca de sua existência. Durante a pesquisa foi encontrado poucos documentos sobre a mesma, apenas jornais locais da época, poucas fotografias em arquivos pessoais, e a biografia de Consuelo Caiado.

Diante do exposto neste capítulo, pode-se concluir que, embora tenha sido elitista, a Escola de Farmácia e Odontologia de Goyaz, exerceu um importante papel na história da instrução e da saúde do Estado, diplomou muitos farmacêuticos e dentistas, reconhecidos pelo governo do Estado, que

mesmo saindo aptos a exercer a profissão somente dentro do território estadual, puderam contribuir para a melhoria da saúde do Estado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho foi dedicado à análise da história da Escola de Farmácia e Odontologia de Goyaz, no período de 1920 a 1930, instituição pertence ao patrimônio cultural da cidade de Goiás.

Ao tecermos algumas considerações finais sobre a pesquisa, mister se faz dizermos que a análise da história da Escola de Farmácia e Odontologia de Goyaz, como um patrimônio cultural local, concebido como o conjunto de elementos significativos da memória social, se faz deste modo um patrimônio cultural, indissociável da identidade e complementa-se com o conceito de lugares de memória, lugares estes que revelam processos sociais.

Reverendo as problematizações iniciais e o texto como um todo, acreditamos que, nesta luta pela construção e anos depois o fechamento se deu pelo embate entre oligarquias locais. Foram essas mesmas oligarquias que construíram para si esta escola e foram elas responsáveis pela sua extinção. O desaparecimento da instituição também nos documentos oficiais, como por exemplo no Dossiê de Pedro Ludovico, nos remete ao embate oligárquico, sobretudo após a Revolução de 1930, período no qual Pedro Ludovico ataca Goiás, como forma de atacar o poder aqui vigente.

Percebe-se que tal escola exerceu um importante papel na formação de profissionais da área de saúde de nosso Estado no início do século XX. E que muito deve ter contribuído para a melhoria da saúde na época. A Escola de Farmácia e Odontologia de Goyaz, teve apenas onze anos de existência, mas com certeza é um importante capítulo da História, tanto do Ensino Superior, quanto da saúde do Estado de Goiás, no início do século XX.

REFERÊNCIAS

BOSI, Eclea. *Memória e sociedade: lembrança de velhos*. 2ª Ed. São Paulo: T.A. Queiroz/ USP, 1987.

BORDIEU., Pierre. *A ilusão biográfica*. In: http://disciplinas.stoa.usp.br/pluginfile.php/1185/mod_resource/content/1/Bourdieu%20-%20A%20Ilus%C3%A3o%20Bibliogr%C3%A1fica.pdf (acesso, dia 16 de maio de 2012).

BRETAS, Genesco Ferreira. *A história da instrução pública em Goiás*. Goiânia: CEGAF, UFG, 1991.

BURKE, Peter. *O que é história Cultural?* Trad. Sérgio Góes de Paula. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

CURADO, Mariana Augusta Fleury. *Rua do Carmo - Crônicas e artigos*. Goiânia: Líder, 1981.

FONSECA, Maria Cecília Londres. *O patrimônio em processo: trajetória da política federal de preservação no Brasil*. Rio de Janeiro: UFRJ/IPHAN, 1997.

_____. “Para além da pedra e cal”: Por uma concepção de Patrimônio. *Memória e Patrimônio: Ensaios contemporâneos*. Regina Abreu, Mario Chagas (orgs). Rio de Janeiro. DP&A. 2003.

GONDAR, JÔ. Quatro posições sobre Memória Social, in. GONDAR, Jô; DOBEBEI, Vera. *O que é memória social*. Rio de Janeiro. UNIRIO, 2005.

HALBWACHS, M. *A memória coletiva*. São Paulo: Vertice, 1990.

KOFES, Suely. *Uma trajetória, em narrativas*. Campinas: Mercado de Letras, 2001.

MAGALHÃES, Sônia Maria. *Hospital de Caridade São Pedro de Alcântara: assistência e saúde em Goiás ao longo do século XIX*. Rio de Janeiro: Manguinhos, 2004.

MAUAD, Ana Maria. Revista. *Tempo*, Rio de Janeiro, vol. 1, n.º. 2, 1996, p. 73-98. 15. ATRAVÉS DA IMAGEM: FOTOGRAFIA E HISTÓRIA INTERFACES.

NORA, Pierre. Entre Memória e História: A problemática dos lugares. Tradução: Yara Aun Khoury. In: *Projeto História*. Nº 10. Revista do programa de Estudos de Pós-Graduados em História e do Departamento de História da PUC-SP. São Paulo: EDUC, 1981, p.7-28.

PALACCIN, Luis; MORAES, Maria Augusta de Sant’Anna. *História de Goiás*. 5ª edição. Goiânia: UCG, 1989.